



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



DUAS PALAVRAS PRÉVIAS

Meses depois do falecimento de João Meira, recebi, acompanhada do original, que agora se publica, a seguinte carta do Ex.^{mo} Sr. Dr. Joaquim José de Meira:

«...prezado amigo:

Aí vai a conferência que o João tencionava ler em 9 de Março e que elle preparou, já doente e perdido sem remédio.

Por vários motivos ella lhe pertence. Mando-lha pois. Elle tinha por V.... uma grande e especial consideração. Há-de estimar que ás suas mãos vá parar este último trabalho, que, se outro valor não tem, mostra quanto elle era afeiçoado à sua terra, à nossa Sociedade e a V....

Creia-me sempre

am.^o m.^{to} af.^o e obr.^o,

J. Meira. »

Esta carta, tam enternecedora e generosa, quasi não precisa de ser explicada, para muitos.

Presidia eu nesse tempo à Direcção da Sociedade Martins Sarmento e tratava-se de celebrar a sessão solene que as nossas disposições estatutárias fixavam no dia 9 de Março. A fórmula dessa celebração, que provisoriamente se adoptara no primeiro anno, eternizava-se, enquistava, tornava-se completamente obsoleta e sobretudo muito mais prejudicial do que útil e atraente. Deixava de ser comprehendida e apenas era explorada.

Pensara-se então em substituí-la por outra de que se excluísse o elemento ganancioso e a patente injusti-

ça. Além disso, deram-se atritos emergentes do estabelecimento do novo regimen político e a nossa Sociedade, donde a politiquice fôra sempre cuidadosamente afastada, viu-se tratada, com grande surpresa nossa, como inimiga ou como suspeita. Foi necessário, mais rapidamente do que supúnhamos, realizar essa transformação e resolveu-se que o número principal da sessão fôsse uma conferência, a que apenas se exigisse a condição de que o seu valor literário ou científico estivesse em harmonia com o daquele superior espírito, cujo aniversário natalício se comemorava.

Assim eu fui bater à porta de João Meira, professor abalisado, erudito e artista, cujo maior defeito era uma virtude, a modéstia, tamanha que o seu mais íntimo amigo, homem de uma clara e ilustrada inteligência, habituado a perscrutar todos os dias o funcionamento das mais recônditas molas da vida, apenas nos últimos meses da sua existência, conheceu todo o seu merecimento... quando conheceu que o perdia.

Ele era quasi meu colega na Direcção, encontrávamos-nos quasi tôdas as noites, que êle passava em Guimarães, no nosso *clube*, a pequenina loja do Jácome⁽¹⁾, tam nosso amigo e da Sociedade, que a deixou herdeira, e onde os quatro ou seis, que lá nos reuníamos, íamos ganhando fama de conspiradores. O disparate!

João Meira prestou-se da melhor vontade ao trabalho que eu lhe pedia. E foi logo nessas alturas que a doença o atacou, doença que não perdoa, e foi só nas vésperas da sessão de 9 de Março que eu soube a preceito e pude tornar pública a notícia da fatalidade que o não deixava cumprir em tôda a plenitude o seu compromisso.

Como distinto lente, que era, de medicina, êle conheceu perfeitamente o seu estado. Figure-se agora cada um o que foi essa luta atroz de tantos e tam compridos dias, quando pai e filho apenas cuidavam em iludirem-se um ao outro. Que me perdoem aqueles a quem estas palavras vão avivar, não a dolorida sauda-

(1) O Sr. Jácome.

de do morto, que essa não se esvai, mas a cruciante dor do instante fatal da separação. Eu precisava recordar estas tristezas para terminar o meu razoado.

Foi escrita nestas condições a primeira história científica e crítica de Guimarães. Nós tínhamos os estudos do Cônego Gaspar Estaço, as descrições do Padre Torquato, do Padre Carvalho e do Padre Caldas e as monografias do Abade de Tagilde, João Gomes, com grande cópia de apontamentos; mas a tentativa de João Meira, dando aos factos a ordem cronológica, abre o caminho a uma nova forma de escrever a história local, donde se hão-de descobrir vários aspectos novos e largos horizontes inesperados. Cada terra tem o seu carácter, a sua idiossincrasia, suas virtudes e taras. Umas dadas ao prazer, outras mazorras e fúnebres, parecendo trazerem às costas todo o pecado original. Estas são industriais e laboriosas, aquelas religiosas ou indolentes, amam a sciência e a arte, outras são indiferentes. Porque? Qual a origem de cada espécie? Quando e como começou a caracterizar-se a feição de cada uma? As histórias de cada terra hão-de tender a fazer-se estudos de psicologia social.

João Meira não pôde senão escrever a primeira metade da sua história até fins do século XVI.

O que êle pensava do que devia ser a história da sua terra no período immediato, aquele em que a divergência das concepções mais se acentua, não o podemos saber nós, porque a diferenciação dos dois períodos é muito acentuada e a maneira de tratar um pode não ser a mesma do outro. O que sabemos é que, na parte que nos deixou, deixou-nos um facho de luz sobre o passado, um guia seguro para futuros trabalhos, um exemplo para estranhos.

Pois todo êste formoso estudo, como acima digo a primeira história científica e crítica de Guimarães, foi feito por entre as apreensões da morte próxima, postos os olhos na sua terra. Não há aí frase que não seja uma dor, uma lágrima, uma revolta sua ou dos seus, com que foi amassada. Esse primeiro esforço da nossa história é um monumento de amor pátrio e dedicação à Sociedade Martins Sarmento, sempre irmãadas, Guimarães e Sociedade, no seu coração e no seu espírito. Assim João Meira nos deixou, a uma e

outra, isto é, a todos nós os vimaranenses, um primor de sentimento e heróicidade, um nobilitante e inapreciável legado — pedaços do seu coração e da sua inteligência, encastoados numa joia literária que certamente Guimarães como a Sociedade Martins Sarmiento nunca mais esquecerão, nem a história da literatura portuguesa esquecerá nunca.

Tornado pois possuidor, pela gentileza da oferta do Ex.^{mo} Sr. Joaquim José de Meira, da obra de seu filho, cabe-me a mim a obrigação de a comunicar àqueles a quem, na intenção do autor, ela foi directamente destinada, e que eu apenas provisoriamente represento para este efeito — os nossos consócios da Sociedade Martins Sarmiento e o povo de Guimarães, que tudo é a mesma coisa. Sem dúvida ele saberá receber o precioso legado como ele merece.

Costa, Maio de 1916.

D. LEITE DE CASTRO.